

Lazer, gênero e sexualidades no espaço urbano central de Erechim

Leisure, gender and sexualities in the central urban space of Erechim

Luiz Eduardo Minks Pereira, Marcos Sardá Vieira*

Resumo

Da mesma maneira que a cidade da era industrial foi concebida por intermédio da estrutura de dominação masculina e cis-heteropatriarcal, o acesso e usufruto das áreas centrais para as atividades de lazer refletem, ainda hoje, essa condição privilegiada nos modos de apropriação e segregação do espaço urbano. Ao mesmo tempo, revelam preconceitos e regulamentações morais contra grupos dissidentes, que são contraditórios à proposição de cidades mais democráticas. Diante dessa problemática, procuramos analisar as interações e representações sociais permeadas por expressões de gênero e sexualidades presentes no espaço urbano e nas atividades de lazer noturno da área central de Erechim, cidade localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul. Com esse objetivo, organizamos a pesquisa qualitativa e interdisciplinar através de referencial teórico e levantamento de campo, utilizando o método de observação não participante, diário de campo e o mapeamento da área de estudos. Com base nas referências de contextualização e caracterização urbana de Erechim, partimos do pressuposto que a presença de grupos e indivíduos contra-hegemônicos à condição branca e cis-heteropatriarcal dominante é potencialmente hostilizada e não representativa no espaço público e nos estabelecimentos comerciais. Por outro lado, as supostas imoralidades que atendem aos desejos de homens cisgêneros, entre diferentes atividades de lazer recreativo e sexual, estão permanentemente representadas na área central e espetacular dessa média cidade.

Palavras-chave: Espaço-público; cis-heteropatriarcal; dissidências; Erechim.

Abstract

In the same way that the city of the industrial era was conceived through the structure of male and cis-heteropatriarcal domination, the access and enjoyment of the central areas for leisure activities reflect, even today, this privileged condition in the modes of appropriation and segregation of the urban space. At the same time, they reveal prejudices and moral regulations against dissident groups, which prove to be contradictory to the proposition of more democratic cities. In view of this problem, we seek to analyze the social interactions and representations permeated by expressions of gender and sexualities present in the urban space and in nighttime leisure activities in the central area of Erechim, a city located in the north of Rio Grande do Sul. With this goal, we organized qualitative and interdisciplinary research through theoretical framework and field survey, using the non-participant observation method, a field diary and a study area mapping. Based on Erechim's contextualization and urban characterization references, we start from the assumption that the presence of counter-hegemonic groups and individuals against the dominant white and cis-heteropatriarcal condition is potentially hostile and unrepresentative in public space and commercial establishments. On the other hand, the alleged immoralities that meet the desires of cisgender men, between different recreational and sexual leisure activities, are permanently represented in the central and spectacular area of this medium city.

Keywords: Public space; cis-heteropatriarcal; dissidences; Erechim.

Introdução

Este artigo[1] de abordagem interdisciplinar busca compreender as relações permeadas por identidades de gênero e sexualidades em atividades de socialização conectadas pelo espaço urbano. Desse modo, ao considerarmos as atividades de lazer, em especial, o lazer noturno, no âmbito de cidades médias, geograficamente isoladas e culturalmente mais conservadoras, nos deparamos com a problemática da falta de acessibilidade dimensional e simbólica de identidades, corpos e desejos, normalmente subjugados pela condição hegemônica da ideologia cis-heteropatriarcal.

Quando tratamos da condição cis-heteropatriarcal, nos referimos à priorização das decisões políticas e jurídicas em favor das pessoas e dos grupos sociais representativos da condição cisgênero (pessoa cuja designação de gênero ao nascimento corresponde com sua identidade ao longo da vida), heteronormativa (em que a norma do desejo sexual entre pessoas do sexo oposto é naturalizada e instituída como verdade) e patriarcal (no sentido da sociedade hierárquica conduzida pelos homens e na valorização de hegemonias para as características comportamentais e culturais associadas ao masculino), como parâmetro estabelecido pela dominação masculina a ser seguido por todas as pessoas de maneira compulsória e, muitas vezes, irrestrita (RODOVALHO, 2017; LEWIS, 2017).

Consideramos que esses aspectos relativos à estrutura de dominação cis-heteropatriarcal se fazem presentes em decisões políticas e cotidianas, ligadas tanto aos discursos e hábitos tradicionais quanto à construção da cultura material e urbana. Desse modo, a organização das atividades urbanas, a mobilidade e acessibilidade social e a representação pública de corpos, expressões e desejos, identificados por indivíduos e grupos feministas e LGBTI, são precarizadas em suas aparições na atualidade, principalmente, quando buscam atividades fora do âmbito do trabalho e da produtividade, ao demandarem a participação em atividades de lazer e o reconhecimento no espaço espetacular[2] da cidade.

Ao nos referirmos ao lazer, queremos dizer um conjunto de ocupações despropositadas relativas ao repouso, recreação, estudos desinteressados ou, ainda, à participação social voluntária ou livre da capacidade criadora, nas quais a pessoa estaria desvinculada das obrigações profissionais, familiares e

sociais (ARANHA; MARTINS, 2003). O lazer também diz respeito ao tempo dedicado fora do trabalho, como parte dos direitos trabalhistas e em prol da qualidade de vida nas cidades. Outro aspecto também importante está na possibilidade de o lazer despertar o espírito livre, a alegria e a imaginação, enquanto significados que elevam a capacidade para pensar e construir novas realidades. Já o lazer noturno seria relativo ao tempo livre mais transgressor do que as mesmas atividades recreativas diurnas, compondo a possibilidade de “subversão das normas de comportamento, à busca do prazer, da emoção, da excitação” para a constituição de outras identidades e vivências urbanas (SANTOS; MOREIRA, 2008, p. 250).

Na sequência, o artigo traz o referencial teórico para elucidarmos os principais conceitos e ideias relativas aos estudos de gênero e sexualidades na sua vinculação com os estudos da cidade. Em seguida, apresentamos uma breve contextualização de Erechim, descrevendo sua conformação espacial e histórica, e a maneira como a malha urbana central configura a idealização racial/étnica segregadora entre imigrantes e caboclos, desde a sua fundação no início do século 20. Após essa contextualização, analisamos a área central da cidade no período atual, observando as atividades voltadas ao lazer e as representações de identidades, expressões e corpos predominantes na ocupação dos espaços públicos e dos estabelecimentos comerciais. Por fim, consideramos que a dominação masculina na apropriação do espaço público das áreas centrais de Erechim, através das atividades de lazer noturno priorizando o prazer de homens cisgêneros, é uma evidência substancial da antidemocracia[3] e do falso discurso de moralidade conservadora, para suplantam a experiência de alteridade na esfera pública.

A cidade como dispositivo de controle social

De acordo com Jan Gehl (2013), as cidades são os principais locais onde as pessoas se reúnem para trocar ideias, participar de transações comerciais, desenvolver atividades profissionais e de formação e, também, para relaxar e se divertir. Dessa forma, o domínio público da cidade genérica, onde se localizam praças, ruas e parques, é fundamental para a promoção dessas atividades. Além disso, são nesses espaços urbanos que as pessoas constituem suas identidades a partir da alteridade, do cotidiano marcado por encontros inesperados e da liberdade em desbravar

os diferentes recantos da cidade. Entretanto, nem sempre a constituição da cidade atendida pelo planejamento urbano é suficiente para tornar o espaço público um lugar democrático[4].

Segundo Diane Ghirardo (2002), a concepção do espaço público vem sofrendo mudanças desde a constituição da cidade modernista no final do século 19. Nesse período, e ao longo do século 20, o espaço urbano tem sido conformado, de forma otimista, como o espaço do coletivo, e não restrito a um indivíduo, uma incorporação ou classe social. Esse espaço público visto como dimensão do encontro entre as pessoas, sobretudo, precisa estar associado com a esfera pública, que seria um local onde é possível a participação política dos cidadãos. Essa esfera pública, assim, se diferenciaria da esfera do mercado ou da esfera do governo. Por isso, alguns críticos apontam que essa noção de espaço e esfera públicos, concebida com a modernidade, na verdade, tornou-se o território representativo de homens brancos e burgueses liberais, pautado pela exclusão das mulheres, dos negros, dos pobres e das pessoas vistas como contra-hegemônicas[5]. Ou seja, ao final do século 20, a experiência de uso daquele espaço público, tradicional e democrático tornou-se uma impossibilidade. Portanto, mesmo quando celebrado como aberto a todos e todas, esse espaço livre, público, revela práticas exclusivistas de segmentações espaciais para evitar a experiência de alteridade, ou mesmo, ao se tornar inseguro e hostil para determinados grupos e indivíduos, que são vulnerabilizados por injúria e violência quando utilizam as áreas públicas.

Uma das maneiras de contornar essa situação no final do século 20 foi a criação de duas novas formas de espaço público: (i) aquele voltado para o consumo e (ii) como espaço de monitoramento e controle. De certo modo, o espaço público exclusivista de uma classe burguesa e masculina, tão recorrente no século 19, foi suplantado pela concepção de áreas acessíveis socialmente às mulheres e outras raças, tornando as cidades, eventualmente, mais democráticas. Entretanto, na atualidade, surgem novas práticas de higiene social dos espaços públicos, segmentando a circulação das pessoas entre áreas suburbanas e elitizadas; ou exercendo o controle e o monitoramento da esfera pública com a vigilância por câmeras de vídeo e o fechamento de espaços supostamente públicos, ao priorizar os pontos de encontro nas áreas privadas (GHIRARDO, 2002).

Além dessas medidas de controle por meio do planejamento urbano e do policiamento dos espaços públicos, as políticas

sociais e os sistemas econômicos também se estruturam por justificativas de regulamentação social, na medida em que instauram mecanismos disciplinares individuais, com o intuito de controlar os comportamentos e restringir os desvios padrão. Michel Foucault (2008) apresenta sua grande crítica com base nessas medidas de governo da sociedade modernista desde o século 18, instituindo o controle sobre o capital humano a partir de dispositivos institucionais relativos à saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças, sexualidades e modos de vida. É nesse sentido que Foucault estabelece o conceito de biopolítica: na maneira como o poder procura racionalizar, desenvolver e conduzir a vida do conjunto de viventes transformados em população. Em suma, os efeitos pretendidos para esses dispositivos de segurança seriam a idealização da concepção homogênea da população, por meio da regulamentação das identidades, do corpo e dos desejos. Achille Mbembe (2018) nos apresenta um panorama ainda mais preocupante para a atualidade, ao considerar que determinados grupos sociais de vidas precárias são governados por meio de políticas da morte, ou a necropolítica, como poderíamos apontar em relação às condições de existência de populações negras e grupos LGBTI.

Talvez, entre esses dispositivos de segurança ou de extermínio, o mais complexo e amplo seja a reconfiguração do espaço urbano atual, consolidado desde o século 19, para corresponder às demandas do progresso da sociedade e da economia liberal (SÊGA, 2000). Igualmente, esse mesmo espaço urbano seria o local de segmentações e exclusões sociais, simbólicas e territoriais, de grupos e indivíduos dissidentes, entre todas as identidades e expressões corporais, que não se enquadram no contexto das normas morais e jurídicas das políticas hegemônicas cis-heteropatriarcais (LERNER, 2019; RODOVALHO, 2017; DOMINGUES; BRANDÃO, 2017).

Ainda hoje, as cidades são constituídas por espaços de exclusão social. Seja por preconceitos ou subordinações, as cidades contemporâneas são marcadas pela insegurança e violências do governo, na medida em que mulheres, gays, lésbicas e transexuais rebelam-se contra o lugar de ordem e resolvem agenciar suas próprias condutas. Assim, as (pós) identidades dissidentes, as expressões corporais não binárias, mestiças, pobres e deficientes, da mesma forma, estão sujeitas à intolerância e ao medo constante, o que impede sua livre acessibilidade à esfera pública. Em suma, o parâmetro para pensar a cidade como espaço livre de acesso a todos e todas

ainda está pautado pela figura de homens eficientes, brancos e cis-heterossexuais (DÍAZ HERNÁNDEZ, 2020).

Nesse sentido, Gerda Lerner (2019) e Pierre Bourdier (2012) nos mostram quanto a dominação masculina permanece hegemônica na conformação das relações de poder e do controle social, na maioria das vezes, incorporada como violência leve, moldando e reprimindo a conformação de corpos e subjetividades. Mesmo quando a violência não é explícita, a perpetuação histórica dessa estrutura de dominação masculina é parte da manutenção do patriarcado, enquanto estrutura das relações sociais e íntimas com base na dominação dos homens sobre as mulheres, ou ainda, do masculino sobre o feminino. Nesse sistema de ordem social, portanto, a interpretação cultural de constituição dos gêneros se dá por uma ordem binária, que divide a espécie entre homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, ao mesmo tempo em que naturaliza a submissão das mulheres (e qualquer ambiguidade entre feminino e masculino) ao domínio dos machos (LERNER, 2019; BOURDIER, 2012). Por outro lado, se essa dominação se constitui como atributo cultural a ser apreendido, também é passível de reinterpretções e mudanças substanciais.

As revisões teóricas inspiradas pelos movimentos feministas e homossexuais ao longo do século 20 e, mais recentemente, o surgimento das teorias trans e intersexuais, têm demonstrado a diversidade de corpos e subjetividades para além da noção binária de gênero e da diversidade de desejos e sexualidades. Por isso, com base nessas teorias, as interpretações padronizadas do que é ser homem e ser mulher na sociedade perdem efeito diante das vivências e dos avanços científicos das Ciências Humanas e Sociais, que lançam novas interpretações para a reinvenção de corpo e desejos por fatores muito mais singulares do que universais. Por exemplo, tendo a transexualidade para elucidar a possível mudança de conformação de corpos e identidades conformadas, muitas vezes, como não-binárias; e a intersexualidade, que confirma a ambiguidade na conformação de órgãos sexuais e anatomias não delimitados apenas entre masculino ou feminino. Assim, os modos de vida e as existências transexuais e intersexuais embaralham os parâmetros culturais dicotômicos e, ao mesmo tempo, tornam obsoletas as interpretações culturais em defesa da divisão social e distópica entre homens e mulheres cisgêneros (BENTO, 2017; PINO, 2007; DE LAURETIS, 1994).

Desse modo, a maior visibilidade das contrassexualidades representadas por homossexuais, travestis e transexuais, no

contexto urbano contemporâneo, revela a necessidade de revisar os pressupostos teóricos, jurídicos e políticos, porque, na prática, o contexto de divisão dos benefícios sociais relativos à mobilidade, acessibilidade, segurança, moradia e educação permanecem distribuídos de forma desigual, basicamente, atendendo aos interesses das políticas cis-heteropatriarcais.

Contextualização de Erechim: urbanismo e regulamentação social

Diante da concepção do espaço urbano segregador e desigual, advindo das grandes reformas urbanas do século 19 e 20, várias cidades brasileiras incorporaram a proposta urbana modernista de eficiência e higienização (espacial e humana) com base na civilização europeia, visando a alavancar os meios de produção e afastar os grupos e indivíduos sociais e étnicos não desejáveis para habitar a nova estética dos espaços públicos centrais (FOUCAULT, 2014; FLORES, 2007).

Seguindo a proposta de criação de novas cidades no Brasil para atender aos ideais oligárquicos do espaço urbano, adequado ao progresso e à ideologia republicana daquela época, Erechim foi criada em 1908 tendo por referência os principais projetos modernistas internacionais do período como, por exemplo, a proposta em malha reticulada de Chicago e as grandes avenidas diagonais de Paris. Da mesma forma, seguindo também as reformas urbanas brasileiras aplicadas em cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre (SCHMIDT, 2009; FÜNFGELT, 2004).

Ao longo desses primeiros anos de fundação da Colônia Erechim (emancipada como município em 1918), os primeiros colonos ali instalados podiam contar com a infraestrutura urbana em fase de execução, um órgão oficial de colonização e uma ferrovia definindo um núcleo urbano primário. Desse ponto de partida, Erechim tornou-se um exemplo emblemático de ocupação territorial para formalizar uma utopia de apropriação urbana e desenvolvimento, em uma área originalmente habitada por grupos indígenas e que foi transformada ao longo do tempo pelas intenções governamentais de demarcação das propriedades a serem destinadas às famílias patriarcais de imigrantes europeus e migrantes de outras localidades do sul do Brasil (PEREIRA, 2019; SCHMIDT, 2009; COSTA; ARGUELHES, 2008).

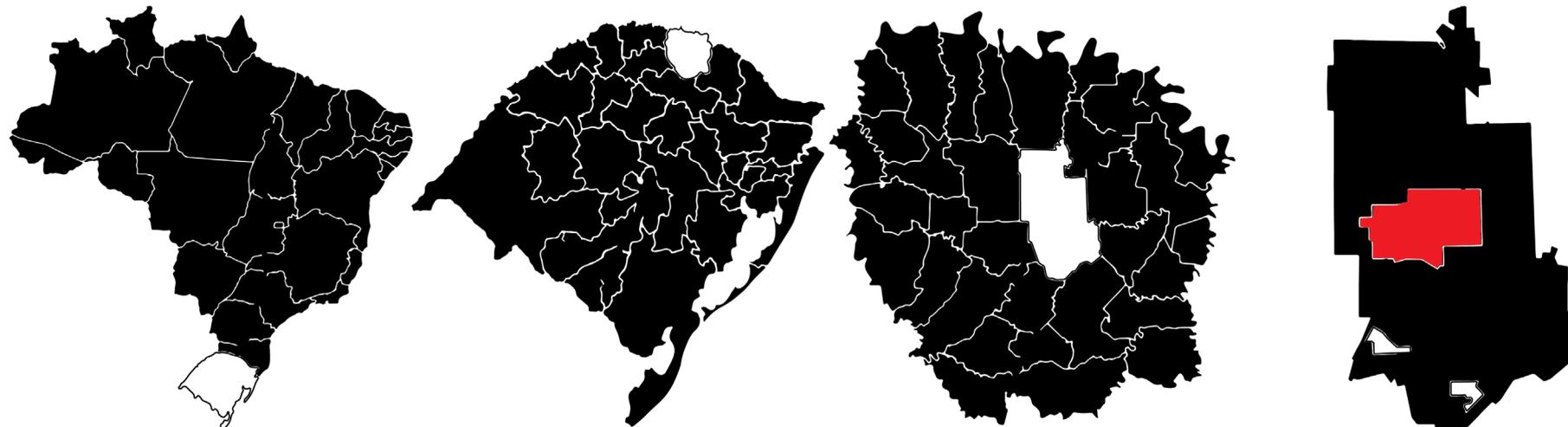
Da mesma forma que muitas cidades brasileiras, planejadas durante o século 20, Erechim tornou-se uma das primeiras

do Sul do Brasil a receberem o traçado modernista ortogonal, atendendo aos novos interesses republicanos[6]. Assim, esse plano inicial surgiu como um traçado em grelha, sobreposto por um sistema radial que parte de uma praça central (a Praça da Bandeira), a partir de onde se distribuem os principais equipamentos públicos institucionais, de lazer e cultura. O sistema viário foi, usualmente, composto por um leito carroçável e extremamente largo, que, posteriormente, priorizou a circulação de automóveis e o escoamento de mercadorias. Contudo, é importante ressaltarmos a inadequação do desenho urbano reticulado da grelha com relação à irregularidade topográfica do relevo da cidade, conformando uma paisagem tridimensional muito distinta da racionalidade almejada pela vista superior.

Nessa constituição do desenho urbano também podemos acrescentar o recorte linear e histórico da Linha Férrea São Paulo - Rio Grande do Sul e da Rodovia Transbrasiliana, que remetem à formação de um anel perimetral de circulação. Na atualidade, esse anel foi ultrapassado em alguns pontos pelo crescimento urbano periférico e encontra-se desativado. Entretanto, permanece o seu valor referencial como parte da memória patrimonial e urbana de Erechim, definindo a conexão prévia da cidade com o resto da região e do país. Ao mesmo tempo, essa linha atravessa diferentes áreas da cidade e compõe relação potencial de paisagem urbana com o sistema viário e o sistema de áreas livres públicas. Por sinal, são essas áreas livres que comportam importantes locais para a prática do lazer ao ar livre e são bastante utilizadas pela população.

Até meados dos anos de 1950, basicamente, as atividades de lazer em Erechim se faziam através de pontos comerciais (ao estilo “bodega ou venda”, servindo bebidas e alimentos), conformando encontros sociais, jogos, consumo de bebidas

Figura 01: Quatro mapas de localização: à esquerda o território brasileiro, depois o estado do Rio Grande do Sul, em seguida a Microrregião do Alto Uruguai e, por fim, à direita, o território municipal de Erechim, com destaque para o perímetro urbano (em vermelho). Adaptação dos autores (2020).



alcoólicas e conchavos políticos. Esses locais eram frequentados por homens, entre moradores, agricultores e comerciantes. Eventualmente, as praças também serviam como ponto de encontro entre os moradores (GIARETTA, 2008, p. 106). De qualquer maneira, as ruas e os espaços públicos eram espaços, predominantemente, de domínio masculino desde essa época.

Atualmente, Erechim se destaca como principal área urbana onde vivem mais de 100 mil pessoas e para onde se deslocam os habitantes de outros municípios vizinhos[7] em busca de mais opções de comércio, serviços e lazer (Figura 1). Desde a sua fundação, a economia erechinense se manteve pela produção agrícola, pela extração de madeira e pela formação do comércio de abastecimento aos habitantes. Na década de 1940 foi ampliado o potencial de produção e comercialização de produtos agrícolas. A atividade industrial no município começou na década de 1950, porém, em função do declínio da atividade agrícola na década de 1970, emergiu a produção industrial junto com os setores comerciais e de prestação de serviços (FÜNFGELT, 2004). Mesmo promovendo muitas frentes de trabalho e produtividade, a cidade apresenta pouca diversidade de atividades regulares voltadas à cultura e ao lazer. Em Erechim, observamos que a promoção de eventos culturais abertos ao público costuma acontecer por intermédio de programações comerciais, com apoio das instituições municipais (feiras culturais, eventos festivos etc.), das escolas e universidades[8] e do Centro Cultural 25 de Julho. Além disso, vários estabelecimentos privados e comerciais desenvolvem suas atividades de lazer de maneira isolada, seja na oferta regular de espaço privado para o consumo de bebidas alcoólicas e alimentos ou como área de confraternização com espaço para ouvir música e dançar; ou, ainda, em promoções de eventos específicos para datas comemorativas.

Nesse sentido, a organização da área central é bastante direcionada para o funcionamento das atividades laborais, promovendo os períodos diurnos do atendimento comercial e das funções cotidianas, ao contrário dos finais de semana e à noite, quando esvazia. Ainda assim, a maioria dos espaços destinados ao lazer noturno permanece localizada nessa região central e no eixo das avenidas, em detrimento do maior fluxo de pessoas e da carga simbólica na representação pública desses estabelecimentos. Boa parte desses locais, entre os mais procurados pelos frequentadores noturnos, está localizada junto à infraestrutura urbana central da cidade. Essa localização, concentrando restaurantes, lanchonetes e bares, costuma manter o fluxo constante de frequentadores. Devido ao caráter dessa área central, exercer maior influência na rotina simbólica e funcional da cidade, na sequência vamos nos aprofundar nessa análise, considerando a diferença entre a expectativa de público e o verdadeiro contingente de pessoas em correspondência com o uso dos espaços públicos e das atividades de lazer.

Articulações urbanas e atividades de lazer na área central de Erechim

Seguindo a referência da fragmentação socioespacial apresentada por Ghirardo (2002), observamos que Erechim apresenta sua área central e espetacular bastante concentrada na malha quadriculada e, em contraponto, possui áreas de monitoramento e controle, que vão se afastando da área central em direção às periferias urbanas. Essa divisão entre a área espetacular, onde se concentram as atenções públicas, e as áreas menos centrais de controle social, onde se exerce o maior monitoramento, definem critérios importantes da paisagem urbana erechinense, além de reforçar a importância do centro da cidade, para compreendermos a condição espacial da população em seus fluxos de desejos. Assim, o resultado da malha urbana de Erechim, interpretada desde o início pela concepção utópica da modernidade, perpassa pela noção de que o planejamento urbano deve ter como prioridade as suas necessidades funcionais, que seriam: a habitação, a circulação, o trabalho e o lazer. Essa estrutura básica e mecânica, de fragmentação das funções sociais e de padronização dos espaços utilitários, entretanto, não atende a todos os segmentos sociais (JACOBS, 2011).

Entre as consequências de criarmos uma centralidade urbana mais forte está a de torná-la a principal referência para toda a cidade, concentrando as demandas e os interesses sociais sem a expectativa de atender às suas demandas plurais. Nesse sentido, além do valor patrimonial relativo às edificações Art Déco, ecléticas e em madeira (PEREIRA, 2019), igualmente, a malha quadriculada de Erechim também é um valor patrimonial devido à sua configuração original modernista, ao compor o espaço público circular da Praça da Bandeira, de onde partem os eixos viários na composição da malha urbana central. Então, por sua referência espacial notável, a Praça da Bandeira configura parte importante dessa área central da cidade e agrega valor pela sua sobreposição com o principal eixo viário de articulação urbana (FÜNFGELT, 2004).

Esse eixo articulador é formado pela Avenida Sete de Setembro, que na sua continuidade ao norte também é nomeada Avenida Maurício Cardoso (que chamaremos aqui de “eixo das avenidas”), o qual atravessa o centro da malha quadriculada na direção norte-sul. Nas adjacências desse eixo viário e no entorno da Praça da Bandeira estão localizados os principais equipamentos urbanos, como a Prefeitura, a Igreja Matriz, o Castelinho (prédio histórico construído em madeira) e outros equipamentos públicos e institucionais (VIEIRA, 2019). Portanto, a área central configura-se por essa marcação de usos e memórias patrimoniais recentes, concentrando maior movimento de pessoas e localizando o maior número de estabelecimentos comerciais e de serviços, espalhados nas bordas das avenidas Sete de Setembro e Maurício Cardoso e suas transversais e avançando algumas quadras a leste e oeste do eixo dessas avenidas.

Além da rótula da Praça da Bandeira, mais ao norte do eixo viário, destaca-se o Viaduto Ruben Berta, que se sobrepõe à Linha Férrea e prolonga o percurso das avenidas além do centro até os bairros Ipiranga e São Caetano. Nessa caracterização da área central, destacamos duas porções espaciais divididas pelo eixo das avenidas, que seriam a porção leste e a oeste. Em geral, constatamos que a porção leste da área central de Erechim é mais valorizada e regulamentada do que a porção oeste, distinguindo classe e estigmas sociais nas atividades de uso, na tipologia das construções e no movimento de pessoas nas ruas. Consideramos que a topografia pode ter originado essa distinção como ponto de partida para a ocupação da cidade, na medida em que a porção leste possui cotas mais

altas do que a porção oeste. De qualquer modo, a topografia mais homogênea e plana nessas duas porções encontra-se espalhada nas adjacências do eixo das avenidas. A partir dessa referência, a área de topografia mais regular é interrompida por aclives na porção leste e declives acentuados na porção oeste, segmentando espaços dentro da área central. Assim, as ocupações nessas porções tenderam a se diferenciar enquanto usos e topografia, embora mantenham características tipológicas homogêneas (Figura 2).

Figura 02: Vista aérea do perímetro urbano de Erechim/RS, em cinza mais escuro. Na área cinza mais clara está a delimitação do Centro da cidade. Sobre a malha urbana, destacamos os elementos de análise. A linha azul claro marca o principal eixo da malha urbana (as avenidas Sete de Setembro e Maurício Cardoso); no trapézio amarelo está

a porção leste da área central; e no trapézio vermelho está a porção oeste dessa mesma área; as circunferências verdes identificam as quatro áreas a serem ampliadas para a análise das atividades de lazer noturno na área urbana e central dessa média cidade. Fonte: Google Maps e adaptação dos autores (2020).



A partir dessa caracterização da área central erechinense, registramos a presença de atividades de lazer diurnas predominantes na porção leste e a diversificação entre lazer diurno e noturno na porção oeste. Esses aspectos se confirmam ao analisarmos a distribuição de estabelecimentos como bares, restaurantes, cafeterias, lanchonetes e pontos de encontro públicos e privados. Enquanto no lado leste predomina o maior número de restaurantes e cafeterias, do lado oeste está o maior número de bares e lanchonetes. Além dessa divisão, o circuito de lazer noturno erechinense é composto, na maior parte, por bares e restaurantes e casas noturnas, em transição com as praças, logradouros e canteiros centrais.

Ao caminharmos pela área central da cidade e observarmos suas dinâmicas, percebemos uma enorme regulamentação de corpos e performatividades, refletindo comportamentos padrões e regulamentados para a condição de gêneros binários. Da mesma forma, distinguimos comportamentos associados às identidades de grupos dissidentes, reunidos por interesses particulares. No caso, destacam-se as reuniões de homens[9] jovens e cisgêneros na apropriação e representação majoritária do espaço público. Assim, a presença desses grupos é predominante na marcação territorial da área central, ocupando as ruas, à frente dos estabelecimentos, nos cruzamentos, nos postos de gasolina[10] e, algumas vezes, ampliando a demarcação territorial através de ruídos musicais. Além disso, é comum a circulação desses grupos e indivíduos com veículos automotores para a interação social pela malha urbana. Esse comportamento de representação masculina e cis-heteronormativa no espaço público reflete tanto a naturalização dessa dominância quanto reafirma tal condição, submetendo outras categorias à subordinação. Essa reprodução de valores culturais e identitários está muito associada à formação da masculinidade hegemônica regional, tendo como principal referência o perfil tradicional do homem gaúcho (BILHALVA; RODRIGUES, 2019; LEAL, 2019; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Algumas praças, apesar de serem formadas a partir de resíduos espaciais do traçado viário, são bastante ocupadas durante o dia e à noite. No período diurno, as ocupações são mais familiares: pais com filhos e/ou animais de estimação. Já no período noturno, estes espaços públicos costumam ser apropriados por jovens sem independência financeira para frequentar com regularidade os estabelecimentos e que, por isso, reúnem-se em grupos nas ruas e praças, consumindo drogas e bebidas. Nessa exposição peatonal, entretanto, os conflitos são inevitáveis, principalmente

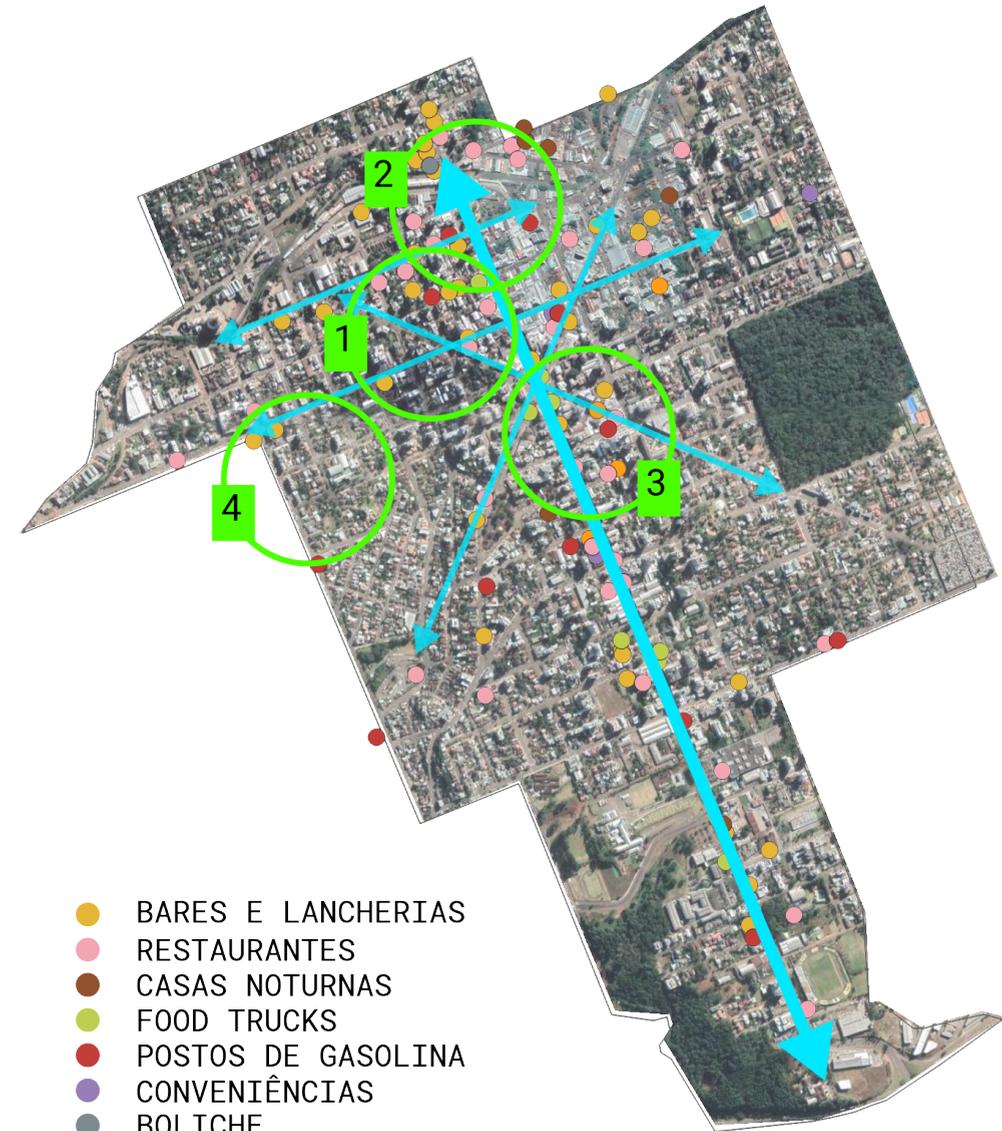
quando marcados por diferenças de classe, raça e dissidências sexuais, como no caso de outros jovens cis-heteronormativos, que circulam dentro de seus veículos nos perímetros das praças e coagem os grupos remanescentes das praças. E, ainda, no conflito com a polícia militar, que intervém nos agrupamentos públicos para exercer sua função de controlar os desvios, em defesa dos valores morais e patriarcais.

Normalmente, a busca pela área central de Erechim é uma forma de os grupos e os indivíduos promoverem suas aparições públicas. A Praça da Bandeira e a Praça Júlio de Castilhos, usualmente, são utilizadas por jovens de classe média, incluindo a presença de gays, lésbicas e bissexuais que, apesar de estarem imbricados em padrões heteronormativos – eles e elas – não se identificam com a grande maioria dos estabelecimentos comerciais e padronizados da cidade. Por isso, tais jovens aproveitam os seus privilégios de cor e classe social para exercerem suas performatividades nos espaços públicos, com a intenção de marcarem suas presenças e afrontarem as normas da moralidade conservadora tão presente na cidade. Assim, nessas aparições públicas e contra-hegemônicas são comuns as demonstrações de afetos e comportamentos homoafetivos, misturados com audições de funk e pagode, que costumam gerar olhares e reações preconceituosas. Em contraposição, a representação de jovens mestiços advindos dos bairros periféricos, que utilizam o terminal de ônibus para chegar ao centro e se agruparem na Praça Júlio de Castilhos, costuma ser tolerada pelo monitoramento onipresente das ruas centrais. Mas, quando esse mesmo contingente de público frequenta a Praça Daltro Filho, que fica mais afastada da área espetacular, essa presença torna-se suspeita diante do desvio provocado pela geografia de seus corpos periféricos e ambíguos em uma área de menor visibilidade social e maior controle pela segurança dos moradores locais.

Aproximação: lazer noturno na área central erechinense

Ao aproximarmos nossa escala de análise, destacamos quatro áreas dentro das porções centrais, três delas a oeste e uma a leste, com a intenção de destacar as vivências e práticas de lazer na cidade. Na Figura 2 circulamos essas áreas em verde e na Figura 3 ampliamos a escala para distinguirmos cada uma das quatro marcações[11] com o mapeamento dos principais estabelecimentos voltados ao lazer com propósitos complementares.

Figuras 03: Recorte ampliado da malha urbana central de Erechim/RS. Relação entre os estabelecimentos de lazer com o sistema viário, criando ligações e fluxos entre as quatro áreas circuladas. Fonte: Google Maps, e adaptação dos autores (2020).



Na área do entorno sul do Viaduto (1) encontramos o principal ponto de centralidade da malha quadriculada, que define relações importantes entre o deslocamento de pessoas (pedestres e veículos), estabelecimentos comerciais e espaços públicos e patrimoniais. Esses aspectos imprimem dinâmicas de uso específicas nessa área, que a tornam uma passagem obrigatória de vinculação com a área central de Erechim, na mesma medida em que o local projeta maior visibilidade para os movimentos que ali surgem.

A principal conformação espacial para denominar a centralidade dessa área está relacionada ao entorno espacial do Viaduto Ruben Berta, dando continuidade à Avenida Maurício Cardoso e cruzando em nível superior a Linha Férrea. Abaixo do Viaduto surgem recantos privados e públicos, ao mesmo tempo em que tornam o espaço mais sombrio e reservado. Desse modo, as duas cabeceiras do viaduto sobrepostas ao eixo da Avenida Maurício Cardoso tornam-se espaços dinâmicos pelo cruzamento das ruas (transversais) Argentina e Polônia, ainda no mesmo nível superior da Avenida Maurício Cardoso. Em geral, a configuração central envolvida por desníveis topográficos e a amplitude visual do eixo viário superior criam uma paisagem dinâmica e estimulante para as atividades de socialização entre o movimento das ruas e os pontos de parada dos logradouros e áreas livres[12]. Portanto, são nas atividades de lazer próximas ao Viaduto que estão instalados os principais estabelecimentos de lazer noturno e onde concentra-se o maior número de pessoas.

Nessa área central, a Rua Argentina é um dos pontos de destaque no último ano por conformar um importante ponto de encontro entre jovens e adultos de diferentes círculos sociais. A confluência de uma gama maior de estabelecimentos comerciais faz com que muitos desses jovens, mesmo que não se sintam representados em tais ambientes, construam o hábito de apropriarem-se do espaço público e promoverem relações de consumo como valor de troca. O cenário é favorecido pela proximidade com o Terminal de Transporte Público, que articula os deslocamentos entre bairros e o Centro. Além disso, alguns estabelecimentos dessa área, como os postos de combustível, vendem bebida alcoólica a preços mais acessíveis. Nesse ambiente são recorrentes as competições de som automotivo e até mesmo brigas envolvendo relacionamentos afetivos.

Em continuidade à área do entorno sul do Viaduto está a área de lazer do entorno norte (2), na borda entre o Centro e o bairro

Ipiranga. Esse local é cheio de potencialidades para a instalação de novos bares, boates e restaurantes, devido à proximidade com a área central e à presença de vários estabelecimentos fechados, ou mesmo, abandonados. Além disso, os bares localizados nesse trecho mais ao norte da Avenida Maurício Cardoso costumam atrair um grande contingente de jovens, que se reúnem nos canteiros centrais e nas calçadas, dinamizando as atividades dos bares ali situados. Além disso, trata-se de uma área mais reservada e menos monitorada do que a área central do entorno sul do Viaduto, o que lhe confere possíveis insurgências no uso do espaço público. Inclusive, nas ruas transversais à Avenida Maurício Cardoso, como na rua Polônia e na Avenida Santo Dalbosco, alguns bares[13] tornam-se referência para os grupos mais alternativos de jovens de classe média e estudantes.

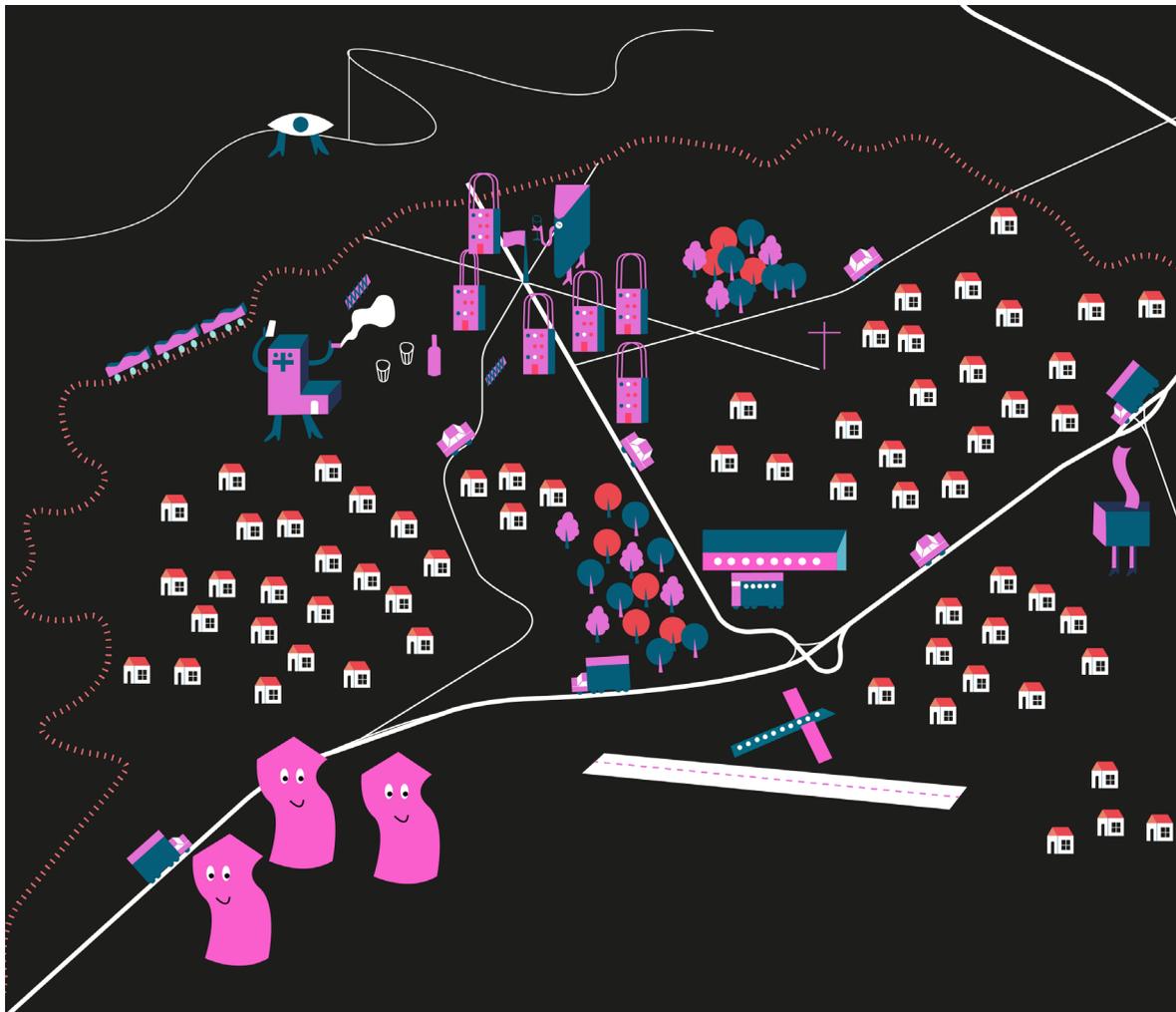
Na porção leste da área central, destacamos o conjunto de estabelecimentos de lazer próximo da Praça da Bandeira (3), devido à referência desse espaço público como ponto de encontro de pessoas advindas das diferentes direções das ruas que chegam até a rotatória. As áreas livres do entorno da Praça e os estabelecimentos comerciais também caracterizam uma área favorável para a circulação de pedestres, embora a ampla abertura do sistema viário torne intensa a passagem de veículos. De qualquer forma, mesmo que os pontos de encontro e permanência nessa área sejam mais diurnos, onde também consta o maior número de pedestres, a movimentação noturna é notada enquanto ponto de chegadas e partidas entre as práticas de lazer noturno mais ao norte e a continuidade do fluxo no sentido sul do eixo, na vinculação com outros estabelecimentos de lazer e bairros de Erechim.

Já a área mais periférica da porção oeste (4), onde a topografia sofre uma redução de cota abrupta, configura uma categoria distinta de espaço e práticas de lazer. Apesar de próxima da área central, o desnível configura um obstáculo de segmentação dessa área com o centro, criando outra categoria de urbanidade. Ali ganha destaque a localização de um equipamento hospitalar e de atendimentos públicos de saúde. Este equipamento costuma receber pacientes não só de Erechim, mas também de cidades menores da microrregião, que por muitas vezes pernoitam na cidade. Assim, para atender a esse contingente de pessoas formou-se no local uma rede de restaurantes, bares e casas de prostituição. Neste caso, tratam-se de estabelecimentos que ofertam bebidas e prazer sexual na criação de um espaço de exceção para a área central da cidade, em contraste com a

subliminar regularidade da porção leste. Portanto, essa variação de níveis topográficos na porção oeste caracteriza outro formato de estabelecimentos de lazer, que não representam o espaço espetacular da cidade, porém, possibilitam a oferta de prazeres que ampliam as atrações disponíveis na área central para atender aos desejos cis-heteronormativos e masculinos (Figura 4).

Em todas essas quatro áreas apresentadas, o público predominante permanece representado pela orientação e identidade cis-heteronormativa. Essa situação ajuda a definir um contingente padrão de corpos e desejos, representados por discursos, imagens, estilos de músicas, veículos automobilísticos e elementos esportivos. Todos estes aspectos associados aos objetos e à apropriação do espaço urbano ambientam os valores da esfera pública e atestam a condição cis-heteronormativa sob a dominação patriarcal.

Figuras 04: Infográfico síntese referente à localização e análise dos espaços voltados ao lazer na relação com a forma do perímetro urbano de Erechim/RS. Elaboração dos autores (2020).



Considerações finais

A partir dos tópicos apresentados neste artigo, percebemos que as áreas de lazer noturno de Erechim permanecem sob a representação masculina, ao mesmo tempo invisibilizando a expressão de grupos e sujeitos dissidentes da condição cis-heteropatriarcal nos espaços públicos e espetaculares. De certa forma, esses aspectos dizem respeito à formação cultural da população e aos valores morais e conservadores ainda mantidos, que menosprezam a diversidade humana nas relações de contraste e distinção entre as pessoas. Observamos que essa tendência de agrupamento homogêneo das condições espaciais e das pessoas, sobretudo, define-se como fenômeno histórico e, talvez, seja esse o motivo da composição da área central e patrimonial da cidade se destacar como espaço de privilégios simbólicos e materiais tão cobiçados no contexto local.

Essa maior invisibilidade das condições de vida não patriarcal em cidades pequenas e médias de regiões mais afastadas dos principais centros metropolitanos, na verdade, diz respeito a um fenômeno mais amplo de restrições à diversidade social e de controle e monitoramento das aparições públicas não representativas do ideal estabelecido por tradições precedentes à constituição dos lugares. Assim, na análise sobre o usufruto do lazer erechinense, constatamos o predomínio de estabelecimentos permanentes para atender interesses recreativos e prazeres sexuais restritos aos homens cis-heterossexuais. Esse privilégio naturalizado, por certo, corresponde a maior monopolização dos homens sobre a presença das mulheres na cidade e repercute também no preconceito contra outros comportamentos e desejos dissidentes (WELZER-LANG, 2001). Enfim, esse aspecto não apenas atesta a perpetuação da dominação masculina no fluxo de corpos e desejos a serem atendidos na malha urbana central, mas, também, desfavorece a concepção democrática no uso equitativo do espaço urbano por todas as pessoas, independentemente de suas particularidades.

Notas

1. Esta publicação é parte da investigação realizada pelo projeto de pesquisa “Gênero e sexualidades em urbanidades periféricas” (PES-2018-0972), vinculada à Universidade Federal da Fronteira Sul.
2. O espaço espetacular refere-se à área mais central e/ou representativa para as interações e comunicações sociais. Lugar configurado como vitrine, onde se destacam objetos, discursos e consumidores (GHIRARDO, 2002).
3. Consideramos um regime antidemocrático quando a equidade (social, política e jurídica) não é atendida e o desrespeito torna-se naturalizado pelo sistema de hierarquias. Equitativo, neste caso, refere-se à equidade como proposta de governo da população, ou seja, na igualdade dos direitos civis de todas as pessoas mesmo diante das diferenças (BOBBIO et al, 1998).
4. O termo “democracia” costuma ser utilizado de forma não-unívoca. Neste artigo, democracia significa um sistema político e social equitativo e justo na representação e apropriação da cidade (BOBBIO et al, 1998).
5. Pessoas contra-hegemônicas seriam aquelas vistas nesta publicação como fora do(s) grupo(s) de interesses políticos e morais dominante(s), quer dizer, pessoas não representadas, fundamentalmente, pela condição cis-heteropatriarcal.
6. Até o final do século 19, o Brasil ainda era mantido pelo regime monárquico. Assim, entre as inovações do regime republicano instaurado no início do século 20 estava a racionalização geométrica do desenho urbano (COSTA; ARGUELHES, 2008).
7. Erechim está localizada na microrregião do Alto Uruguai, no norte do estado do Rio Grande do Sul, Brasil.
8. Em Erechim localizam-se cinco instituições de ensino superior: a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRGS), a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e a Faculdade Anglicana de Erechim (FAE).
9. Junto com esses homens jovens também encontramos algumas mulheres cisgênero, compartilhando suas atividades

de lazer; entretanto, o efeito de apropriação majoritária cis-heteronormativa torna representativa a dominação masculina nessas reuniões coletivas e recreativas.

10. No contexto urbano de Erechim, não limitado à área central, os postos de combustível têm especial influência nos padrões de socialização e construção da identidade masculina na cidade, ao servirem como ponto de encontro entre homens, em sua maioria, construindo vínculos de amizade e valores associados ao consumo de bebida e artigos automobilísticos. Por sinal, alguns desses estabelecimentos contam com ambientações de mesas, aparelhos televisivos, apresentações musicais, algumas vezes com áreas específicas para bares e lanchonetes.

11. As quatro áreas de aproximação: (1) área mais central, no entorno sul do Viaduto Ruben Berta; (2) área do entorno norte do mesmo Viaduto; (3) a única área localizada na porção leste e próxima da Praça da Bandeira; e (4) a área periférica da porção oeste (da área central), mais afastada do eixo das avenidas.

12. Mesmo durante o dia, essa área de maior centralidade urbana também localiza outros equipamentos públicos, como a câmara de vereadores, o terminal urbano de transporte coletivo, o mercado público, além de praças e logradouros demarcando o conjunto de áreas livres mais integradas e que permitem maior amplitude visual e livre circulação.

13. As casas de festas e baladas, por sua vez, costumam ocupar quadras semi-industriais ou comerciais nessa área, muitas delas utilizando antigos galpões próximos à Linha Férrea, o que garante certa privacidade em relação à vizinhança e diminui os confrontos sociais. Vale notar que, apesar de cada um destes espaços atender públicos diferentes, devido ao estilo de música, eles ainda estão claramente vinculados aos valores e interesses cis-heteropatriarcais de classe média erechinense.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. revista. São Paulo: Moderna, 2003.

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo - sexualidade e gênero na experiência transexual*. 3. ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

BILHALVA, Liza. RODRIGUES, Marta Bonow. "O trabalho vai ser o alimento pra prolongar um pouquinho mais a vida": envelhecimento, masculinidade e trabalho no Pampa Sul-riograndense. *Iluminuras*, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 49, p. 338-355, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/89717/pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução Carmen C, Varriale (et al); coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Trad. Maria Helena Kühner.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21(1), n. 424, p. 241-282, jan./abr. 2013.

COSTA, Ana Carolina Silva da. ARGUELHES, Delmo de Oliveira. *A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX*. *Universitas Humanas*, Brasília: UNICEUB, v. 5, n. 1-2, p. 109-137, 2008. Disponível em: <https://www.publicacoes.uniceub.br/universitashumanas/article/view/878/612>. Acesso em: 22 ago. 2020.

DE LAURETIS, Teresa. *A tecnologia de gênero*. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

DÍAZ HERNÁNDEZ, José Andrés. *Cuerpos, signos y espacios: sobre la arquitectura panóptica de la segregación urinaria*. *RELIES: Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, n. 3, p. 5-30, 2020. Disponível em: <https://www.upo.es/revistas/index.php/relies/article/view/4904>. Acesso em: 22 ago. 2020.

DOMINGUES, Ana Carolina Carvalho de Souza; BRANDAO, Leonardo. *Territórios do lazer LGBT em Blumenau/SC*. 13º *Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero* 11, Florianópolis, 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Trad. Eduardo Brandão

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e Estética do Racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

FÜNFGELT, Karla. *História da paisagem e evolução urbana da cidade de Erechim-RS*. 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Geografia, Florianópolis, 2004.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Trad. Anita di Marco.

GHIRARDO, Diane Yvonne. *Arquitetura contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Trad. Maria Beatriz de Medina.

GIARETTA, Jane Gorete Seminotti. *O grande e velho Erechim: ocupação e colonização do povoado de Formigas (1908-1960)*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008.

JACOBS, Jane. *Morte e vida nas grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. Trad. de Carlos S. Mendes Rosa.

LEAL, Ondina Fachel. *Os gaúchos: cultura e identidade masculina no Pampa*. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas: UFPEL*, v. 7, n. 1, p. 17-47, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/download/14568/10208>. Acesso em: 22 ago. 2020.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens.. São Paulo: Cultrix, 2019. Trad. Luiza Sellera

LEWIS, Elizabeth Sara. Teoria(s) Queer e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa. In: MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago (org.). Currículo, sexualidade e ação docente. 1. ed. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2017. p. 157-186.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 Edições, 2018. Trad. de Renata Santini.

PEREIRA, Natália Biscaglia. Arquitetura em madeira: influência da imigração no Alto Uruguai Gaúcho. 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2019.

PINO, Nádia Perez. A Teoria Queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, p. 149-174, jan./jun. 2007.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100365&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 ago. 2020.

SANTOS, Norberto Pinto; MOREIRA, Claudete Oliveira. O lazer e a noite: imagens de uma cidade universitária: Coimbra. In: SANTOS, Norberto Pinto. GAMA, António. (coord.). Lazer: da libertação do tempo à conquista das práticas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 245-269.

SCHMIDT, Remís Alice Perin. Erechim: cidade construída para imigrantes - poder simbólico na conquista do espaço urbano. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2009.

SÊGA, Rafael Augustus. Os Melhoramentos Urbanos como Estratégias de Dominação Social. Anos 90, Porto Alegre, n. 14, p. 218-230, dez. 2000.

VIEIRA, Marcos Sardá (org.). Panorama do espaço público em Erechim. Palhoça: Editora Unisul, 2019.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, jan. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200008>. Acesso em: 22 ago. 2020.

***Luiz Eduardo Minks Pereira** é Estudante de arquitetura e urbanismo na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com período sanduíche na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem iniciação científica nas áreas da Paisagem; e Direito à Cidade, além de participação em programas de extensão nas áreas de Comunicação; e Movimentos de ocupação urbana na cidade de Belo Horizonte. E-mail: eduardominkspereira@gmail.com

Marcos Sardá Vieira é Arquiteto, urbanista e doutor em Ciências Humanas. Atua como professor adjunto na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), onde coordena o projeto de pesquisa “Gênero e sexualidades em urbanidades periféricas”. Tem interesse por pesquisas relacionadas com as seguintes temáticas: cidade, teoria-história, urbanidade, gênero, espaço e sexualidades. E-mail: marcos.vieira@uffs.edu.br